SETEMBRO



Capítulo Um

CELINE

É o primeiro dia de aulas e já me estão a obrigar a socializar.

— Estou a falar a sério — diz o Nicky Cassidy, de olhos arregalados e a camisa de ganga desbotada manchada com o que parece ser molho de tomate. — O Juice WRLD está *vivo*, Celine. O planeta precisa de saber.

A minha conta de TikTok tem 19 806 seguidores — @HowCeline-SeesIt, estejam à vontade para me fazer chegar aos 20 mil —, por isso só Deus sabe como é que eu havia de informar o planeta inteiro sobre seja o que for. Além disso, eu faço vídeos sobre OVNI e vacinas (conclusão: acredito em ambos) e sobre aquele tipo que sequestrou um avião e literalmente desapareceu com o dinheiro do resgate. Não faço vídeos sobre as mortes trágicas das pessoas, porque é indelicado e de mau gosto.

E também não aceito pedidos. Pelo amor de Deus, eu sou uma teórica da conspiração. Tem de haver algum *glamour* nisso, senão qual é o sentido?

— Lamento, Nicky — respondo. — Continua a ser não.

Ele fica horrorizado com a minha falta de sensibilidade para a causa dele.

— Estás a gozar.

— Quase nunca.

— Está bem. Se não queres dizer a verdade, digo *eu*. O teu TikTok é uma merda, de qualquer das formas. — Afasta-se, furioso, deixando-me a atravessar o *campus* sozinha.

Lá se vai a esperança da minha mãe de que eu faça mais amigos este ano.

Enfim. Inspiro o ar quente de setembro e sigo pelas passagens desordenadas da escola, sozinha. A Academia Rosewood é um labirinto intrincado, mas este é o meu último ano, por isso conheço-o como conheço a discografia da Beyoncé. Demoro cinco minutos a chegar ao Beech Hut — também conhecido como a nossa sala comum/cantina das turmas do secundário, um edifício pequeno e bafiento que implora para ser demolido. Ocupo a minha mesa habitual junto ao quadro de avisos e dedico-me ao importantíssimo trabalho de ignorar toda a gente à minha volta.

Estou no telemóvel a editar umas filmagens de vacas que fiz este fim de semana para um vídeo sobre a possibilidade de bovinos canibais dominarem a indústria da carne de vaca quando a minha melhor amiga se deixa cair na cadeira ao meu lado e abana um folheto brilhante à frente da minha cara.

— Já viste isto? — pergunta a Michaela, os caracóis cor-de-rosa a vibrar de entusiasmo.

— Não — respondo —, e se me furares um olho com isso, nunca verei.

— Não sejas rabugenta. *Olha*. — Ela atira o panfleto para cima da mesa e anuncia, triunfante: — Katharine Breakspeare! — Depois faz estalar o *piercing* na língua contra os dentes, que é a versão pessoal da Minnie de uma largada de microfone.

Resulta. Lanço-me sobre aquele pedaço de papel brilhante como se fosse um prato de nachos.

Lá está ela: Katharine Breakspeare, a boca larga delineada numa expressão severa (nada de sorrisos delicados para a Katharine, muito obrigada) e o cabelo escovado na perfeição. Fizeram um artigo inteiro na *Vogue* sobre esse penteado, o que é ridículo, tendo em conta que a Katharine é famosa pela sua carreira pioneira no direito dos direitos humanos. Os comentadores chamam a esta mulher o James Bond das salas de tribunal, tal é o seu estilo; ganhou pelo menos três casos internacionais de grande relevância nos últimos cinco anos; comprou à mãe um complexo inteiro na Jamaica para se reformar. E a *Vogue* fala

do *cabelo*. Quero dizer, sim, o cabelo é lindíssimo, mas vá lá, tenham juízo.

A Katharine Breakspeare é o modelo a seguir e, um dia, vou ser como ela e construir uma casa para a minha mãe na Serra Leoa.

Semicerro os olhos enquanto observo o folheto.

— «Candidata-te ao Programa de Desenvolvimento Académico Breakspeare» — leio. — Aquela espécie de campo de treino intensivo na natureza? Mas isso é só para universitários.

— Já não. — A Minnie sorri, apontando para as palavras à nossa frente. — «Programa de desenvolvimento académico premiado agora aberto a jovens dos dezasseis aos 18 anos…»

— «… pela primeira vez.» — continuo. — «Destaca-te da multidão, cria desde cedo conexões com empregadores de prestígio e habilita-te a ganhar uma *bolsa universitária completa*…» — Sinto a boca seca. A garganta áspera. Os nervos em franja. — Preciso de uma bebida.

A Michaela é bailarina; nunca vai a lado nenhum sem um cantil de dois litros de água absurdamente pesado.

— Toma lá — diz ela, toda animada, largando-o em cima da mesa com estrondo suficiente para fazer tudo estremecer.

— Onde é que arranjaste isto? — pergunto, entre goles apressados, abanando o Folheto Dourado das Oportunidades.

— No gabinete do Sr. Darling.

— Do Sr. Darling… *Minnie*. É o primeiro dia de aulas. Como é que já estás na lista dele?

— Não estou — responde ela, com um ar muito composto. — Foi só um aviso preliminar. Sabes como é: *concentra-te na escola este ano, Michaela, ou acabas sem-abrigo debaixo de uma ponte aos vinte e cinco*. A ladainha do costume.

— Oh, querida. Isso não é verdade. Ele só tem inveja do teu cabelo fabuloso e do teu cérebro gigante.

— Para. Sabes que eu não lhe ligo nenhuma. Tenho planos maiores. — É verdade. A Minnie ser como a Jessica Alba no filme *Honey*, o favorito da minha irmã mais velha, mas muito mais fixe e, desta vez, com representação negra a sério. Depois pisca-me o olho e bate com o dedo no papel. — E tu também.

Não, não tenho: concentrar-me na escola *é* o meu grande plano, porque é assim que se entra em Cambridge, e é assim que se tira um curso de Direito de excelência e se conquista o mundo.

Mas eu já fiz a pesquisa e li os fóruns: as empresas — incluindo sociedades de advogados — praticamente se atropelam para contratar antigos alunos do Programa de Desenvolvimento Académico Breakspeare, porque o programa forma candidatos excecionalmente motivados e capazes, com uma ética de trabalho e competências à altura da reputação da própria Katharine. Não é como os outros programas de desenvolvimento académico, em que decoras matéria e fazes estágios. Neste, és largado no meio da natureza, onde tens de sobreviver e, idealmente, prosperar, por razões que presumo serem perfeitamente válidas. (É verdade que não tenho todos os detalhes bem claros, mas confio que a Katharine sabe o que faz.)

A natureza já não é bem a minha cena. Mas eu era capaz de fazer gargarejos com água do lago só para chegar minimamente perto desta oportunidade — fá-lo-ia apenas pelo prestígio, imaginem pela *bolsa*. Portanto, é isto: a minha nova prioridade para o último ano de escola. Adeus, Clube de Latim, e adeus ao voluntariado no hospital veterinário.

Está na hora de abrir espaço para acampar com a Katharine.

Aparentemente, quem estiver interessado nos detalhes pode assistir a uma reunião em Nottingham ainda esta semana. Viro o folheto, à procura de um mapa, mas, em vez disso, encontro um código QR com a indicação «Confirma a tua presença» e os logótipos de todas as empresas envolvidas. A lista é longa. Algumas são enormes, como a Boots; outras são mais pequenas, mas influentes, como a Games Workshop; e também vejo várias sociedades de advogados, o que é…

Oh.

A sociedade do meu pai é patrocinadora.

A Minnie repara na minha cara e depois segue o meu olhar.

— O quê? O que foi? — pergunta, semicerrando os olhos para a página.

— Usa os óculos, Michaela — murmuro, seca.

— Nem pensar, não com estas pestanas. — Pisca-me as pestanas postiças (juro que sinto uma aragem) e depois lê: — «Lawrence, Needham & Soro, direito societário, fundada em 1998.»

Engulo em seco. A minha garganta volta a ficar árida. Dou mais uns goles de água.

— Ei, ei, ei — protesta a Minnie. — Eu também preciso disso, sabias? Queres que fique seca como uma ameixa? — Recupera a garrafa gigantesca e acrescenta: — Soro. Porque é que isso me soa familiar? Soro, Soro…

— O meu pai trabalha lá.

A Minnie faz uma careta. É a minha melhor amiga, por isso sabemos coisas sobre as famílias uma da outra. Tipo: eu sei que a avó dela é uma velha lesbofóbica intragável e ela sabe que o meu pai nos deixou pela segunda família há dez anos e que eu nunca mais o vi. Coisas normais entre amigas. A contorcer-se, ela arrisca:

— Se calhar as empresas patrocinadoras não vão estar assim tão envolvidas?

— Sinceramente, estou-me completamente nas tintas. — E não estou a mentir. Ele é que tem razões para ter vergonha. Eu é que honro o nome da família.

Que é Bangura, não *Soro*, já agora. Guardo o folheto na mochila, prensado entre as páginas de um manual para não se amarrotar.

— Vou pensar nisto. Obrigada, Min.

Ela sopra-me um beijo quando toca a campainha e levantamo-nos para ir para a aula. Só então reparo em quem se enfiou sorrateiramente no Beech Hut enquanto a Minnie e eu estávamos a falar.

O Bradley Graeme está aqui.

Entre, pronto, uma data de outras pessoas, mas ele destaca-se como o Rei da Inutilidade. Ele e o seu grupo de admiradores estão instalados na mesa do costume, bem longe da secretaria, o que lhes permite quebrar regras à vontade. A prova disso: o Bradley Graeme está neste momento a dar toques com uma bola de futebol completamente proibida na cabeça. Os seus *twists*[1] curtos e brilhantes saltitam, e o sorriso dele é

[1] Penteado afro em que o cabelo é dividido em mechas e torcido, formando cordões semelhantes a pequenas tranças. *(N. da T.)*

largo e despreocupado, daquele género que só pessoas absolutamente insuportáveis conseguem ter.

A Minnie inclina-se para mim enquanto passamos por eles.

— Achas que o Brad se vai candidatar a Cambridge?

— Claro que vai — resmungo. Quando é que ele perde uma oportunidade de se armar?

— Então podes encontrá-lo nas entrevistas e assim. Certo?

Ugh. Deus me livre.

— Não quero saber, para de olhar para ele.

Ela arqueia uma sobrancelha.

— Tu é que começaste.

Pois. Mas quem é que consegue não olhar para o Bradley? O nível de irritação dele tem a sua própria força gravitacional.

O grupo de fãs dele — composto por setenta por cento da equipa de futebol masculino e trinta por cento de raparigas cujos pais lhes pagam roupas caríssimas do Depop, o que equivale a cem por cento de pessoas magras e exuberantes que ensaiam coreografias do TikTok sem ser por ironia e passam os fins de semana a ser insípidas e a namoriscar nas festas — está completamente hipnotizado com as palhaçadas dele, como se nunca tivesse visto uma bola. Exceto o Jordan Cooper, que revira os olhos, apanha a bola no ar e diz, com o seu sotaque nacional arrastado:

— Para com isso, ou o professor Darling dá cabo de ti.

(O senhor Darling é o responsável pelo nosso ano, um professor de Geografia sempre tenso que distribui castigos como se fosse pago à hora.)

O Bradley limita-se a rir, como se não tivesse medo de nada — o que é uma mentira pegada. Mas pronto, eu sempre o achei falso, superficial e feito inteiramente do tipo de *plástico* que destrói o planeta, por isso… faz sentido.

Estou mesmo a virar a cara com todo o desprezo possível quando ele — inconveniente até ao tutano — levanta os olhos e cruza o olhar comigo. Fantástico. Lanço-lhe o meu olhar mais venenoso, mas o sorriso dele nem sequer vacila.

Aliás, alarga-se. Ele ergue as sobrancelhas, e eu quase consigo ler-lhe os pensamentos: *A olhar outra vez para mim, Bangura?*

Fulmino-o com o olhar. *Quem te dera.*

O seu sorriso adquire um ar trocista.

Ugh.

* * *

BRAD

Setembro devia ser fresco e leve, como as páginas em branco do meu caderno novinho em folha, mas até agora tem estado abafado e quente que se farta. Quando o Max Donovan arrasta o grupo para o campo à hora de almoço e pergunta «Futebol de cinco?», olho para ele como se tivesse perdido o juízo. O quê, ele quer que eu fique a suar dentro da minha roupa escolhida a dedo para o primeiro dia de aulas?

— Não, obrigado — diz o Jordan, enquanto eu ainda estou a ponderar os horrores do exercício não planeado. *Ele* até não se importa de suar fora do uniforme; tem apenas uma pancada com tratar bem dos seus Yeezys.

O Donno revira os olhos e manda-me a bola.

— Bradders. Alinhas?

Não alinho, mas não resisto à vontade de manter a bola no ar. Um toque rápido com o pé direito, outro com o esquerdo, depois com o joelho, depois com o peito.

— Não, obrigado — digo, e repito.

— Exibicionista — murmura o Jordan.

Mostro-lhe a língua e devolvo a bola ao Donno, que solta um resmungo de desprezo.

— Céus, vocês são mesmo uns molengões. — Ele é o nosso capitão de equipa, dono de um pé esquerdo letal, cabelo louro despenteado e olhos azuis brilhantes. Os sorrisos dele são sempre largos e provocadores, mal escondendo as suas presas. Cheguei a ter uma paixoneta completamente absurda por ele. — E vocês, seus cromos?

Os tipos espalhados por este campo improvisado quase se endireitam todos ao mesmo tempo. Imagino continências rígidas e um coro de «Sim, senhor!» a condizer com aqueles olhares de adoração. O Donno

tem um problema de ego — posso dizer isto com autoridade porque eu também tenho um — e a equipa não ajuda nada.

O Jordan e eu deixamo-los nisso. Há um salgueiro-chorão na extremidade do campo que cria uma mancha de sombra fresca e verde a chamar por mim.

Cinco minutos depois, estamos isolados do resto do mundo por uma cortina de folhas. Deito-me de costas, com a cabeça na mochila, e abro o meu exemplar gasto de *Sistemas em Estado Crítico*. Estou a reler outra vez os *Diários de um Assassiborgue*, sobretudo para me torturar com o facto de nunca vir a escrever nada tão bom.

Ou talvez nada de todo.

Mas não alimento pensamentos derrotistas. A doutora Okoro ensinou-me a não lhes abrir a porta.

— Ei, Brad — diz o Jordan, de repente. — O que é que achas da Minnie Digby?

Olho para ele por cima do livro.

— Minnie Digby?

— Sim. — Baixa os olhos, provavelmente à espera de que aquele emaranhado de caracóis esconda o rubor nas suas faces castanho-claras. — Sabes, aquela que anda sempre com…

— Eu sei com quem é que a Michaela Digby anda.

Ele volta a sorrir com astúcia.

— Pois. Claro que sabes.

— Sou um bom amigo, por isso vou fingir que não ouvi esse comentário. — O Jordan tem uma mente tortuosa, cheia de teorias completamente disparatadas sobre mim e certas pessoas que nem me vou dar ao trabalho de nomear. (Está bem: chama-se Celine Bangura e é a minha arqui-inimiga. Contentes?)

Fecho o livro — um verdadeiro sacrifício, tendo em conta que o Assassiborgue está neste momento a decidir se arranca ou não o braço a alguém — e tento responder à pergunta dele.

— Acho que… — *Que a Minnie Digby tem más companhias. Que, se alguma vez ousar discordar da sua gloriosa líder sobre o que quer que seja, vai ser descartada num instante. Que…*

Hum, Brad? A meio da conversa?

Ah, pois. Ponho de lado o meu ódio à Celine perfeitamente razoável e digo algo minimamente relevante:

— Acho que a Minnie é lésbica.

— O quê? — solta o Jordan. — Tipo, tens um *pressentimento* de que ela é lésbica ou…

— Tipo, ouvi dizer que era. — E também porque o meu gaydar é excelente e ela está a emitir sinais tipo arco-íris em modo estroboscópico, mas isso não preciso de dizer.

— Ah. — O meu melhor amigo fica logo desanimado.

— Ei, posso estar enganado. Como é que a conheces, afinal?

Ele suspira.

— Ela está na minha turma de Literatura este ano. Disse qualquer coisa esta manhã sobre, tipo, cânone tóxico e sobre como o controlo elitista da literatura, aliado a um capitalismo supremacista branco cis-heterossexista e sem coração, envenenou a cultura criativa ocidental. — O tom normalmente monocórdico do Jordan ganha uma ligeira animação, o que, no caso dele, significa que está completamente fascinado.

— Muito bem, Minnie Digby. Aposto que toda a gente adorou isso. — Esta escola não é propriamente a mais progressista. Ou melhor: fica nos limites de um bairro conservador e metade dos nossos colegas repete tudo o que os pais betos lhes dizem.

— A professora Titherly quis estrangulá-la — diz o Jordan, com ar sonhador. Se calhar está apaixonado. Se calhar a Minnie é bissexual como eu, e ele ainda tem hipótese. Afinal, o Jordan é giro; eu sei que há raparigas que não gostam de tipos baixos, mas estou a contar que a Michaela seja mais evoluída do que isso. Daqui a dez anos, posso estar no casamento deles a contar esta história.

Já estou a imaginar: o meu fato impecável, todas as minhas piadas de padrinho a resultar na perfeição. A Celine é a madrinha, mas infelizmente não aparece porque eu me infiltrei no quarto dela e desliguei-lhe o alarme do telemóvel. E depois tranquei-lhe a porta por fora.

Solto um risinho discreto e digo-lhe:

— Se gostas da miúda, diz-lhe alguma coisa.

— Tipo o quê?

— Tipo, «Olá, Minnie, eu também odeio Dickens. Bora comer panquecas.»

— Meu, não Dickens. Toda a gente gosta de Dickens.

Bom, isso não pode ser verdade. Tive de ler *História em Duas Cidades* o ano passado e quase arranquei os olhos.

— Enfim. — O Jordan volta ao seu estado deprimido. — Nem sei se gosto dela. Só queria saber o que achas.

— E depois? Escreves uma carta aos pais dela a pedir autorização para a levares a um museu?

Ele ri-se.

— Vai-te lixar. — A campainha da escola toca, estridente, e nós gememos em uníssono. — O que tens a seguir?

— Filosofia. — Embora esteja demasiado calor para uma aula de filosofia. As crises existenciais deviam ficar reservadas para dias de chuva; o sol radiante estraga completamente o ambiente. — Tu tens furo, não tens?

— Tenho.

Sorrio-lhe.

— Acompanha-me até à aula, *bestie*.

— Nem pensar. Vejo-te logo para uma pegada.

Ugh.

— Jordan. Já falámos sobre isto. Não podes continuar a chamar-lhe *pegada*.

Ele solta uma gargalhada seca.

— Também não lhe vou chamar…

Como se tivesse sido combinado, uma bola de futebol atravessa as folhas do salgueiro-chorão e cai mesmo entre nós.

— Acabem lá com a conversa, meninas — grita o Donno, a correr atrás dela.

— Eh — protesta o Jordan, franzindo o sobrolho. — Não nos chames isso. Devias dar o exemplo, és o capitão da equipa.

— Precisamente, e estou a usar linguagem motivacional para vos tirar o cu do chão. — O Donno estende-me a mão para me ajudar a

levantar. Ser amigo dele é como ter uma cobra venenosa de estimação que gosta tanto de ti que só te morde uma vez por ano. Quando tinha 13 anos, salvou-me de me sentir completamente sozinho. Agora tenho 17 e ele dá-me cabo dos nervos, mas está sempre do meu lado, por isso eu estou do dele. Mesmo quando não facilita.

— Estás na turma de Filosofia do Taylor? — pergunta o Donno, puxando-me para cima.

— Sim, porquê?

— Eu também. — Dá-me uma palmada nas costas e corre de volta para o resto do grupo.

— Pensei que estavam em turmas diferentes — diz o Jordan.

— Estávamos no ano passado.

Pelos vistos, o horário mudou. Mesmo sabendo isso, só faço a ligação quando atravesso o *campus* e chego à sala do professor Taylor. Se a turma minúscula de Filosofia do Donno foi juntada à minha, adivinhem lá com quem vou discutir Voltaire este ano?

Celine Bangura.

Fico parado à porta a olhar para ela como um parvo. Ela não repara em mim porque está a falar com a Sonam Lamba, por isso, pela primeira vez, estou a vê-la sorrir em vez de fazer cara feia. Tem uma espécie de maquilhagem rosada nas faces cheias que sobressai na sua pele castanho-escura. As tranças são longas e finas e caem sobre a mesa, quase pretas, com algumas madeixas verde-néon a emoldurar-lhe o rosto.

Resumindo, tem o aspeto de sempre: o de uma pessoa absolutamente horrível que eu não suporto.

— Desculpa — está ela a dizer à Sonam —, não posso. Estou ocupada na noite de quinta-feira. Mas olha, acho que vais querer ver isto. — Revira a mochila. — É sobre um programa de desenvolvimento académico da Katharine Breakspeare. Conheces? Devias vir.

Ora, a Sonam é uma rapariga muito fixe, por isso nunca percebi bem porque é que ela e a Celine são amigas. A Celine é julgadora; a Sonam é supertranquila. A Celine quer sentir-se superior a toda a gente; a Sonam é um génio do violino com uns óculos roxos incríveis e

anda sempre com umas botas góticas espetaculares, o que a torna automaticamente superior à Celine (que só anda por aí a bater o pé). E, por fim, a Celine acha-se a rainha do universo, por isso até tem graça ouvi-la levar um:

— Não.

— Mas vai ser incrível — insiste a Celine. — O PEC tem uma reputação excelente. Se entrares, podes acrescentar isso à tua candidatura à universidade…

Típico da Celine falar de candidaturas no primeiro dia de aulas. Aposto que só se candidata a Oxford ou Cambridge ou, sei lá, Harvard, e que tem a certeza absoluta de que vai entrar porque é tão inteligente e tão especial e…

— Ah, Bradley! — O professor Taylor repara em mim, as faces redondas coradas pelo calor. — Parece que és o último passageiro da nossa mais nobre viagem de descoberta filosófica.

Toda a gente olha para mim. Desvio imediatamente o olhar da Celine, como se ela fosse o Sol.

— Er… sim. Olá, professor.

— Muito bem! — proclama ele, numa voz shakespeariana que não combina nada com a sua figura ossuda. — Entra, entra, não te demores! Senta-te e vamos começar.

O professor Taylor é porreiro, por isso até gostava de fazer o que ele pede. Mas o único lugar livre é mesmo ao lado da Celine.